

#cm
2
SEGUNDA-FEIRA

Nesta segunda-feira, 13 de julho, em que se celebra o **Dia Mundial do Rock** é preciso falar de **Sister Rosetta Tharpe**. A cantora e guitarrista gospel **é pioneira do estilo**. Sua voz potente e sua técnica no instrumento foram **referência para** ninguém menos que **Elvis Presley, Little Richards, Chuck Berry** e outros que acabaram recebendo o merecimento que ela não teve. **Página 2**



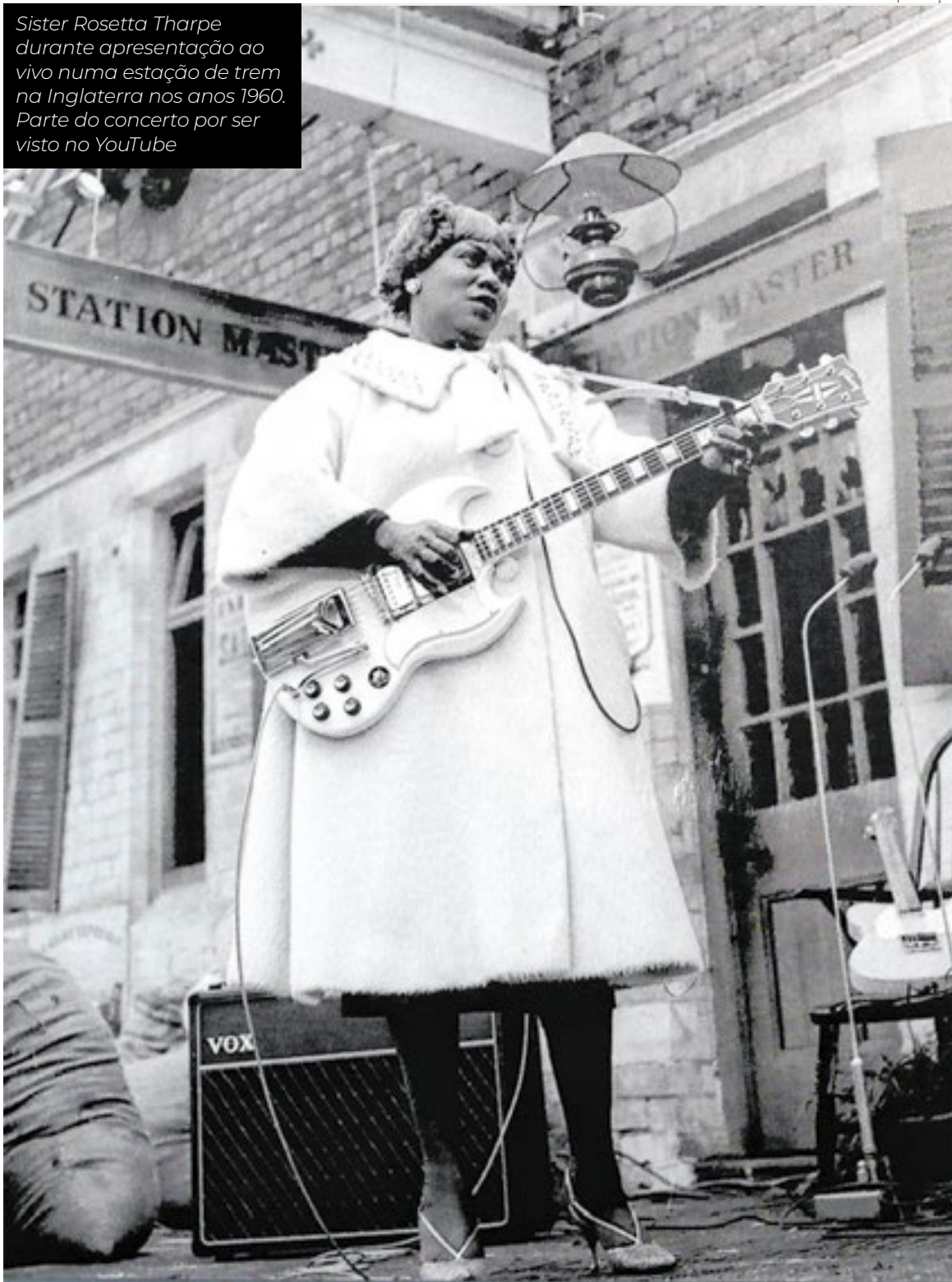
ELA É A MÃE DO ROCK AND ROLL

AFFONSO NUNES

Nesta segunda-feira (13) celebra-se o Dia Mundial do Rock. A data marca o aniversário do Live Aid de 1985, o festival beneficente que reuniu grandes astros do gênero numa campanha global que visava arrecadar fundos para combater a fome na Etiópia. Curiosamente, esse estilo que promoveu uma revolução comportamental no século passado foi inventado por uma mulher negra que a indústria musical nunca reconheceu adequadamente. Sister Rosetta Tharpe (1915–1973) tocava guitarra elétrica, cantava com potência e criava a fórmula sonora do rock and roll quando Elvis Presley ainda era uma criança no Mississippi. Sua história, invisível nas narrativas oficiais do gênero, precisa estar no centro desta conversa. E agora, finalmente, ganha visibilidade através de projetos que buscam reparar décadas de apagamento.

Rosetta Nubin nasceu em 20 de março de 1915, em Cotton Plant, Arkansas (EUA), em uma família pentecostal profundamente ligada à música evangélica. A Igreja de Deus em Cristo era seu palco natural, e a guitarra, sua linguagem desde cedo. Aos 19 anos, casou-se com Thomas Thorpe, um pregador da mesma congregação, e adotou parte de seu sobrenome dele

Sister Rosetta Tharpe durante apresentação ao vivo numa estação de trem na Inglaterra nos anos 1960. Parte do concerto por ser visto no YouTube



Reprodução

sua música: como classificar alguém que era gospel, blues, jazz e rock simultaneamente num tempo em que essas categorias eram colocadas em prateleiras diferentes?

Sua carreira não foi linear. Nos anos 1950, quando o rock explodia comercialmente sob nomes brancos e masculinos, Sister Rosetta enfrentou dificuldades para se reinventar. Gravou menos, apresentou-se em circuitos menores, e sua saúde começou a declinar. Faleceu em 9 de outubro de 1973, em Filadélfia, aos 58 anos, sem ver o reconhecimento que merecia.

Apenas nas últimas duas décadas, com a reavaliação crítica da história do rock e o crescimento dos estudos sobre mulheres negras na música, seu legado começou a ser resgatado. O livro “Shout, Sister, Shout!: The Untold Story of Rock-and-Roll Trailblazer Sister Rosetta Tharpe”, de Gayle F. Wald (2007), tornou-se a obra de referência sobre sua vida, trazendo documentação rigorosa de sua importância histórica. Documentários, vídeos em plataformas digitais e a crescente presença de sua música em streaming trouxeram seu nome de volta à conversa.

Agora, um novo capítulo se abre. Em 2025, foi anunciado um ambicioso projeto de cinema sobre Sister Rosetta Tharpe, com produção de Mick Jagger e direção de Aunjanue Ellis-Taylor. O projeto inclui um biopic de longa-metragem e um documentário complementar, com direitos exclusivos sobre o livro de Gayle Wald. Trata-se de um reconhecimento tardio, mas significativo: a indústria que a ignorou por dé-

A mulher que pôs o mundo para dançar

como nome artístico — decisão que marcaria sua carreira. Em 1938, assinou contrato com a gravadora Decca e lançou suas primeiras gravações, incluindo “Rock Me”, composição de Thomas A. Dorsey. Naquele momento, ninguém chamava aquilo de rock and roll. Era gospel, era blues, era soul. E era amplificada. Era, de fato, o nascimento do rock and roll.

Sister Rosetta se destacava em meio aos artistas de sua geração graças à ousadia técnica e sonora: foi uma das primeiras mulheres a dominar a guitarra elétrica em estúdio, usando distorção e técnicas que soariam familiares a qualquer roqueiro décadas mais tarde.

E mais: suas apresentações ao vivo eram espetáculos de energia bruta: Rosetta tocava com pre-

Com voz potente e guitarra em punho, Sister Rosetta Tharpe faz a cabeça de Elvis, Little Richards e Chuck Berry

cisão, cantava com potência que atravessava as paredes, e não se conformava com os limites que a indústria musical — e a sociedade — tentava impor a uma mulher negra nos anos 1930 e 1940. Seus discos vendiam bem. Suas apresentações lotavam casas de shows.

Em 1945, seu single “Stran-

ge Things Happening Everyday” se tornou o primeiro gospel a fazer crossover nas paradas Billboard, provando que sua música transcendia as barreiras de gênero e público. Para quem nunca ouviu, recomendo: a faixa nos convida ao movimento e deveria estar em qualquer antologia de clássicos do rock and roll. Raramente está. Entre seus sucessos, além das canções já citadas, estão “Up Above My Hair I Hear Music in The Air”, “Shout Sister Shout”, “This Train” e “All Over This World”.

A influência de Sister Rosetta sobre os gigantes do rock

é documentada. Elvis Presley, Little Richard, Jerry Lee Lewis e Chuck Berry cresceram ouvindo suas gravações. Keith Richards, décadas depois, reconheceria sua importância com a clareza que a indústria nunca teve. Mas enquanto esses nomes se tornaram lendas, Sister Rosetta permaneceu à margem das narrativas oficiais, frequentemente reduzida a uma nota de rodapé em livros de história musical. Parte dessa invisibilidade tem raízes óbvias na discriminação racial e de gênero que marcou a indústria fonográfica estadunidense. Outra parte vem da própria categorização de

cadáveres agora investe em contar sua história em escala global.

Que o Dia Mundial do Rock seja mais oportunidade para reverenciar o pioneirismo dessa mulher, celebrado hoje em homenagem ao Live Aid de 1985, é uma oportunidade para corrigir essa omissão. Sua música está disponível em plataformas de streaming, algumas de seus vídeos circulam em redes sociais, e cada vez mais jovens descobrem que antes de tudo que conhecem como rock, havia Sister Rosetta Tharpe, tocando, cantando e abrindo caminhos para o maior fenômeno musical do século 20.

Um talento forjado pela educação

Jovem violinista de Roraima é selecionada para residência artística internacional na Orquestra Juvenil Íbero-Americana

AFFONSO NUNES

A violinista Láine Fernandes, de Boa Vista, foi selecionada para integrar a Residência da Orquestra Juvenil Ibero-Americana 2026, um dos principais programas internacionais de formação musical da América Latina. O encontro ocorrerá de 14 a 20 de julho em Bogotá, na Colômbia, reunindo musicistas de 15 nações para atividades formativas e apresentações que fortalecem a integração cultural entre os países participantes.

Láine é uma das duas brasileiras escolhidas para representar o país no programa Iberorquestras Juvenis, que selecionou candidatos entre 18 e 26 anos de Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, Honduras, México, Panamá, Portugal e Uruguai. A seleção envolveu um rigoroso processo técnico-artístico que avaliou o desempenho musical dos inscritos.

A notícia foi anunciada durante um concerto em que Láine se apresentava com a Orquestra Jovem Sesc Roraima. “Eu não esperava ser selecionada. Quando recebi a notícia, fiquei em choque. É uma oportunidade muito grande poder representar o Brasil e também Roraima em um projeto internacional como esse”, afirma a violinista. Ela destaca que o apoio da família, do namorado e da equipe do Sesc foi fundamental para enfrentar o processo seletivo com confiança.

A trajetória de Láine começou na infância, quando



Revelação do violino, Láine Fernandes conta que este era o instrumento de sua preferência: a jovem queria tocar clarinete

“Eu não esperava ser selecionada. Quando recebi a notícia, fiquei em choque. É uma oportunidade muito grande poder representar o Brasil e também Roraima em um projeto internacional como esse”

LAÍNE FERNANDES

ingressou em aulas de música na igreja e, posteriormente, no Instituto Boa Vista de Música (IBVM), projeto social onde teve os primeiros contatos com o violino aos 10 anos. Inicialmente, ela queria tocar clarinete, mas aceitou a vaga disponível para violino. “Acabei aceitando e hoje costumo dizer que foi ele que me escolheu”, conta.

Um momento decisivo ocorreu em 2022, enquanto ensaiava a Serenata para Cordas de Tchaikovsky. “Eu senti aquela música dentro de mim de uma forma inexplicável. Naquele momento, eu sabia que estava onde deveria estar”,

relembra. Nesse mesmo ano, a Orquestra Jovem Sesc Roraima entrou em sua vida, oferecendo experiências que extrapolaram o aprendizado musical. Em 2023, Láine participou da Orquestra Jovem Sesc Brasil, encontro anual que reúne cerca de 60 alunos de projetos regionais. “Foi a primeira vez que fiz música com pessoas de fora do meu círculo. Isso me mostrou que, com esforço, posso ir além”, destaca.

Atualmente, Láine cursa Licenciatura em Música na Universidade Federal de Roraima (UFRR) e atua como professora de violino no Instituto Boa Vista de Música,

onde iniciou seus estudos. Para ela, ensinar e aprender caminham juntos. “Dar aulas me faz observar mais os detalhes técnicos e pensar em formas claras de explicar. Isso transforma também a minha maneira de tocar”, explica. A experiência internacional representa, para a musicista, uma oportunidade de crescimento artístico e pessoal. “Quero aprender o máximo possível, conhecer novas culturas, novas formas de fazer música. Quero absorver tudo isso e levar comigo para os próximos passos da minha carreira”, empolga-se.

A trajetória de Láine é mais uma história sobre como educa-

ção musical e oportunidades de formação podem transformar vidas. De um projeto social em Roraima para uma orquestra internacional, sua história demonstra que talento, dedicação e acesso a programas estruturados criam caminhos para além das fronteiras locais.

O Sesc Orquestras Jovens, presente em todas as regiões do Brasil desde 2004, oferece educação musical e inclusão social por meio de cursos de instrumentos e prática de conjuntos para adolescentes. A iniciativa articula educação musical, inclusão social e desenvolvimento humano, formando multiplicadores culturais. A Orquestra Juvenil Ibero-Americana é vinculada ao Programa Iberorquestras Juvenis, do qual o Brasil participa por meio da Fundação Nacional de Artes (Funarte), com objetivo de fortalecer orquestras jovens e promover excelência artística entre os países membros.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Cinema também é espaço de aprendizado, de formação (tanto de olhar, quanto de um cabedal amplo de saberes), por isso, alunos de escolas públicas do Rio de Janeiro, situadas na Urca e no Caju, terão acesso, nas próximas semanas, a uma experiência rara de conexão com a linguagem fílmica. Nos dias 14 e 15 de julho, a Escola Municipal Minas Gerais (na Avenida Pasteur) vai ter contato com sete filmes selecionados pelo projeto Circuito Cine Curta. Com cerca de 15 anos de trajetória, essa iniciativa formativa inicia uma nova temporada de atividades levando às salas de aula um debate cultural que utiliza o cinema brasileiro para vitaminar o material pedagógico aplicado em sala, a fim de expandir debates sobre temas contemporâneos.

As produções exibidas contam com acessibilidade em Libras e legenda descritiva. A programação reúne produções premiadas em importantes festivais nacionais e internacionais, como o Anima Mundi, que, ao longo de sua vigência, de 1993 a 2019, foi considerado a maior vitrine latino-americana para as narrativas animadas.

Entre os destaques do que as turmas hão de assistir está “Lé com Cré”, animação em stop-motion (sobre descobertas como o medo) vencedora do Anima Mundi. Passa por lá ainda “O Véu de Amani”, que aborda a vivência da diversidade cultural e religiosa.

Outra pérola é “Guri”, que provoca reflexões sobre a luta contra o racismo na infância. O cardápio se expande com “Sobre Amizade e Bicicletas”, sobre a inclusão de pessoas com deficiência, e com “Dela”, focado numa conversa sobre pertencimento por meio da valorização da estética negra.

“A primeira animação brasileira a que assisti foi um desenho da Turma da Mônica, e, em âmbito internacional, a primeira foi ‘Tom e Jerry’. Lembro da sensação maravilhosa de estar na sala escura com telão enorme. Era a sensação de ser abraçada no escurinho do cinema”, diz Juliana Teixeira, idealizadora do Circuito Cine Curta, em entrevista ao Correio da Manhã. “A função pedagógica das animações, na educação dos nossos jovens, é formar plateias com referências brasileiras, fomentando a busca por conhecimento através do audiovisual”, completa.

Depois de anos de experiência na seara educativo, Juliana explica que a proposta do Circuito Cine Curta é “incentivar atividades lúdicas nas escolas, auxiliando no aprendizado do ensino formal, oferecendo a possibilidade de estudarem as disciplinas formais ao mesmo tempo em que também exploram um pouco mais sobre nosso imenso Brasil”.

Aprendizagem animada

Projeto de formação com narrativas audiovisuais, Circuito Cine Curta leva a escolas públicas e ao Instituto Benjamin Constant filmes que ampliam debates inclusivos



O audiovisual vira ferramenta de ensino - e ímã de debates - no Circuito Cine Curtas

Além da EM Minas Gerais, as atividades do Cine Curta acontecerão na EDI Gabriela Mistral e Escola Municipal Estácio de Sá, na Urca; na Escola Municipal Professora Laura Sylvia, Escola Municipal Professor Walter Carlos de Magalhães Frankel, Escola Municipal Marechal Espiridião Rosas e no CIEP Henfil, no Caju.

Criado em 2010, o projeto já percorreu dezenas de escolas das zonas Norte, Sul, Oeste e Central do Rio de Janeiro e consolidou uma parceria com as instituições de ensino e a Secretaria Municipal de Educação. Em 2026, a programação contempla também o Instituto Benjamin Constant, referência nacional na educação de pessoas com deficiência visual.

Ao longo de junho e julho, estudantes da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II participam de sessões especialmente organizadas para cada faixa etária. O diferencial do Circuito Cine Curta está no trabalho desenvolvido antes e depois das exibições: professores recebem apostilas exclusivas elaboradas para cada faixa etária e respectivos segmentos educativos, com propostas de atividades,



Juliana Teixeira é a idealizadora do projeto

“A função pedagógica das animações, na educação dos nossos jovens, é formar plateias com referências brasileiras, fomentando a busca por conhecimento através do audiovisual”

JULIANA TEIXEIRA

sugestões de debates e conteúdos complementares relacionados aos temas abordados nos filmes.

“Temos a função de promover o aprendizado de qualidade utilizando o audiovisual como ferramenta em sala de aula”, diz Juliana.

Os materiais fornecidos estimulam discussões sobre ancestralidade, culturas indígenas e quilombolas, memória coletiva, diversidade cultural, combate ao preconceito e valorização das histórias locais. Em algumas atividades, os próprios estudantes são convidados a produzir vídeos, registrar tradições familiares e compartilhar conhecimentos presentes em suas comunidades, transformando o audiovisual em uma ferramenta de protagonismo e construção de conhecimento.

Nesta edição, o Circuito Cine Curta conta com patrocínio da MultiTerminais e do Parque Bon-dinho Pão de Açúcar, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (Lei do ISS). A expectativa é impactar milhares de estudantes, fortalecendo o papel do cinema como ferramenta de educação, inclusão, cidadania e formação de novos olhares sobre o mundo.

Grupo Estação celebra o legado de Ettore Scola, dez anos depois de sua morte, ao projetar 'Nós Que Nos Amávamos Tanto', sucesso do diretor que educou o olhar de gerações

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Indicado oito vezes à Palma de Ouro de Cannes, onde ganhou a láurea de Melhor Direção por "Feios, Sujos e Malvados", há 50 anos, o italiano Ettore Scola (1931-2016) partiu há uma década sem pedir licença à saudade da gente. Teve filmes indicados ao Oscar ("Um Dia Muito Especial", "O Baile", "A Família"), entupiu salas de projeção aqui no Brasil com "A Viagem Do Capitão Tornado" (1990) e fez história como um signo de comédias tristes. Escrevia qual um Midas, mesclando inquietude política, afetividade e marotices.

Rodou 41 filmes, entre 1964 ("Fala-me De Mulheres") e 2013 ("Que Estranho Chamar-se Federico"). Foi sucesso entre o público pagante e a crítica mais feroz. Entrou para um Panteão raro de diretores cuja obra é lotada de longas-metragens considerados "o filme da vida" de muita gente. Aquele que mais desponta na preferência do público... numa preferência sentimental... será exibido no Estação Claro Rio nesta segunda-feira, às 21h, numa espécie de tributo póstumo a esse gigante da realização: "Nós Que Nos Amávamos Tanto" ("C'Eravamo Tanto Amati", 1974). Venceu o César, da Academia Francesa, de Melhor Filme Estrangeiro, e ganhou O Troféu de Ouro no Festival de Moscou. É o tipo de longa que nasceu para ficar "pra sempre".

"Eu passei anos encarando os contratempos que a Itália impõe a diretores que almejam contar histórias sem se alinhar a esquemas e sem obedecer às ordens do mercado e fui parando, pouco a pouco, até aparecem jovens, à minha porta, que traziam roteiros para ser debatidos ou traziam a opção de me financiar, com plena liberdade. Assim fui e segui, com a crença de que, apesar de nossos problemas, o meu país deixou um cinema vivo", disse Ettore, em uma de suas últimas entrevistas, feita pelo Correio da Manhã em 2015, quando ele fez uma adaptação de "La Bohème" para a TV italiana.

No ano seguinte, "Nós Que Nos Amávamos Tanto" passou nas areias de Cannes, na seção Cinéma De La Plage. Em sua trama, a fronteira tênue que separa amizade e amor se esgarça na vida de Gianni (Vittorio Gassman), Nicola (Stefano Satta Flores) e Antonio (Nino Manfredi), depois de lutarem nas tropas partidárias, na II Guerra, e amadurecerem juntos ideais fervorosos. Estão no momento em que inventariam tudo o que lhes deixou de ser (presente... importante). Tão logo a paz irrompe, eles seguem caminhos diferentes. Antonio é maquei-

Vittorio Gassman (ao centro), Nino Manfredi (à direita) e Stefano Satta Flores em 'Nós Que Amávamos Tanto'



Liceu de cinema



Ettore Scola na Festival de Cannes

ro no Hospital San Camillo, em Roma; Gianni torna-se um advogado de sucesso; Nicola leciona em Nocera Inferiore, casa-se e luta, como idealista, por um cinema que transforme a sociedade. Luciana (Stefania Sandrelli), aspirante a atriz que era a paixão de Antonio, arrebatou o coração de Gianni, até ele se envolver com outra mulher, por interesse. Ocasionalmente... cada vez mais raramente, essas pessoas se encontram... lavando roupa suja. Depois de muitos anos, as frustrações que carregam alimentam confissões, briga e choro, sobretudo quando se dão conta de pertencer a uma geração incapaz de realizar seus projetos de transformação do mundo.

Responsável por arrecadação milionária, "Nós Que Nos Amávamos Tanto" influenciou cineastas em todo mundo. No fim dos anos 2000, era citado como um molde por diretores como Lászlo Borzok, Miguel Falabella, Carlos Alberto Riccelli e Carlos Reichenbach.

O ponto mais extraordinário do roteiro, escrito por Agenore Incrocci, Furio

“Eu passei anos encarando os contratempos que a Itália impõe a diretores que almejam contar histórias sem se alinhar a esquemas e sem obedecer às ordens do mercado e fui parando”

ETTORE SCOLA

Scarpelli e pelo próprio Scola, está em utilizar o melodrama amoroso como porta de entrada para uma reflexão sobre três décadas de história italiana. A reconstrução econômica com a derrota fascista, a perda dos ideais da esquerda, a consolidação do capitalismo, o nascimento da televisão de massa e a transformação dos costumes aparecem filtrados pelas escolhas íntimas dos protagonistas. O resultado é um filme simultaneamente político e profundamente humano, onde a História nunca se impõe sobre os personagens, mas os atravessa silenciosamente.

Também é uma carta de amor ao próprio cinema. Scola multiplica referências aos mestres italianos, cita cenas clássicas, brinca com diferentes linguagens visuais e presta homenagem ao neorealismo. Uma das sequências mais célebres reúne Vittorio De Sica (1901-1974), o realizador de "Ladrões de Bicicleta" (1948), interpretando a si próprio, num momento que celebra o legado neorrealista. Não por acaso, "Nós Que Nos Amávamos Tanto" tornou-se leitura obrigatória para cinéfilos e permanece entre os títulos mais celebrados da filmografia italiana.

No elenco, Stefano Satta Flores faz de Nicola um dos grandes intelectuais fracassados do cinema europeu. Stefania Sandrelli sintetiza, com rara delicadeza,

as expectativas e frustrações de uma mulher que atravessa diferentes épocas sem jamais deixar de acreditar no benquerer.

Poucos cineastas souberam articular os códigos da comédia italiana com a elegância com que Ettore os combinava, numa crônica das relações, qual uma Comédia Humana. Seus filmes riem das fraquezas dos personagens, mas jamais riem deles, sem deixar de compreender a sua condição. Que achado do Grupo Estação exibir "Nós Que Nos Amávamos Tanto".

Reprodução



Cartaz original do longa

Sem ‘game over’ para Trinity

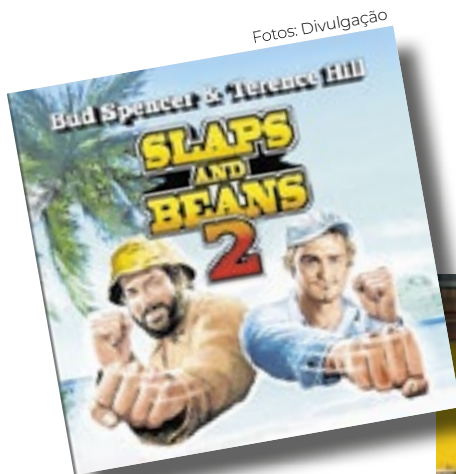
RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A notícia “E Trinity, quem diria, acabou no PlayStation” poderia perfeitamente servir de título para os filmes feitos por Carlo Pedersoli (1929-2016) e Mario Girotti a julgar pelos nomes de seus longas-metragens mais famosos. Há uma fornada suculenta de sucessos de bilheteria deles na Prime Video Brasil, como “A Colina dos Homens Maus” (1969), “Quem Encontra Um Amigo Encontra Um Tesouro” (1981) e “Banana Joe” (1982). Mas, no rastro dos dez anos de morte de Pedersoli - ator italiano amado no mundo todo sob o pseudônimo americano Bud Spencer -, apareceu mesmo um vídeo game. Spencer partiu no dia 27 de junho de 2016, deixando um legado de blockbusters, a maioria feito em duo com Girotti, o eterno Terence Hill, hoje com 87 anos.

Diante do aniversário dessa década de ausência, o PS5 (quinta versão do console da Sony) anuncia na web o lançamento do jogo “Slaps and Beans 2”. É uma versão eletrônica do longa-metragem “Pari e Dispari” (“Par Ou Ímpar”), lançado em 1978 sob a direção de Sergio Corbucci (1926-1990).

O título do game faz jus a duas características essenciais à filmografia de Spencer e Hill: tapas na cara (slaps) e pratadas de feijão (beans). “Slaps and Beans” transporta para a dinâmica dos joysticks o humor e a pancadaria característica da dupla. No enredo, os protagonistas enfrentam uma organização criminosa liderada pelo vilão Capo, percorrendo cenários inspirados em



Capa do game lançado pela Sony

clássicos de sua filmografia, do Velho Oeste a Miami, passando pela ilha tropical de “Quem Encontra um Amigo Encontra um Tesouro”.

Com visual pixilado, que remete aos games dos anos 1990, o título aposta na ação em rolagem lateral, evocando sucessos como “Double Dragon” e “Golden Axe”, mas incorpora mecânicas que reproduzem a coreografia das brigas dos atores. A jogabilidade também explora as características de cada personagem — a força de Bud e a agilidade de Terence — e inclui minigames, como corridas de buggy e desafios inspirados em “A Dupla Explosiva” (1974).

A trilha sonora reúne músicas e efeitos baseados nas composições da dupla Oliver Onions, formada pelos irmãos Guido e Maurizio De Angelis, responsáveis por boa parte das trilhas dos filmes que serviram de inspiração ao projeto. O game nasceu da demo não oficial “Schiaffi & Fagioli”, criada em 2015 durante uma game jam dedicada aos faroestes spaghetti, e ganhou versão licenciada graças a uma campanha de financiamento coletivo realizada no Kickstarter entre outubro e dezembro de 2016.

Além do jogo, um museu

com o nome de Bud Spencer, no coração de Berlim, construída em resposta ao amor dos alemães por seus filmes dos anos ‘60, 70 e 80, acaba de ser reciclado. É uma pérola da cinefilia. Inaugurado em junho de 2021, na região do Roemischer Hof, na avenida Unter den Linden, que leva ao Portão de Brandenburgo, o Bud Spencer Museum reabriu com novas atrações em fevereiro. Tem até café torrado com a marca do ator. O espaço, sempre lotado, tornou-se a nova febre cinéfila germânica, resgatando um mito das telas europeias.

Egresso de Nápoles, Pedersoli fez fama, fãs e fortuna explorando sua silhueta GG (na barriga e no biceps), no papel do grandalhão de boa índole, capaz de virar uma febre se atacado. Um de seus maio-

res êxitos, o já citado “Banana Joe”, define bem sua persona guerreira em sua canção principal: “seus punhos são canhões”. Parte da mítica construída por ele em filmes solo ou em parcerias com Terence Hill, na franquia Trinity, são revisitadas na instituição germânica, que nasceu do sucesso que os dois faziam entre os berlinenses. Aliás, no Brasil, a popularidade deles era enorme, auxiliada pelo “Cinema Especial”, a “Sessão da Tarde” e a “Sessão Trinity” da Globo, nos anos 1980, quando eram dublados por Silvio Navas (Spencer) e Newton DaMatta (Hill). Bud e Terence chegaram a filmar no Rio “Eu, Você, Ele e Os Outros” (1984), com Athayde Arcoverde, Dary Reis e Carlos Kurt, o vilão dos Trapalhães, no elenco. Não por acaso, foram ao programa de Didi, Dedé, Mussum e Zacarias. E parte dessa história está no museu de Bud.

Na galeria estão fotos, cartazes e uma série de memorabilias dos 54 longas estrelados pelo astro, como o buggy vermelho com capuz amarelo do sucesso “Dupla Explosiva” (1974), além de uma estátua dele em tamanho real. É uma instituição nos moldes do museu em sua homenagem criado em solo napolitano, com toda a eficiência germânica. Os alemães amam Spencer, tendo produzido cults com ele, como o bem-humorado thriller “Matar é Meu Negócio, Querida” (“Mord ist mein

Geschäft, Liebling”, 2009). O último trabalho de Spencer foi o seriado “I Delitti Del Cuoco”, das emissoras Canale 5 e RTL. Toda essa filmografia é estudada pelo museu. Fala-se dela ainda no livro “Bud – Un Gigante Per Papà”, lançado na Itália pela editora Giunti.

No livro, uma das filhas de Bud, a escritora Cristiana Pedersoli, pede licença à irmã, Diarmy Spencer, e ao irmão, Giuseppe, para narrar a amorosa infância que teve com o pai, dando detalhes do quanto ele valorizava o afeto entre seus familiares. Ela lembra do passado de Bud como campeão de natação e como músico, apaixonado por jazz.

Sempre lotado de fãs comovidos, o sucesso do museu de Bud jogou luz também sobre Hill, levando uma corrida, via web, a um dos filmes mais recentes dele. Lançado em 2018, sem qualquer alarde em solo sul-americano, “My Name Is Thomas”, também chamado “My Name Is Somebody”, é um road movie de risos e lágrimas que vem ganhando novas janelas, muitas delas online, na Europa, à força do resgate de Terence. Um dos melhores trabalhos dele no western, o lado de Spencer, “I quattro dell’Ave Maria”, de 1968, vez por outra flana pela Amazon Prime do Brasil, abrindo oportunidade para novas gerações de cinéfilos brasileiros conhecerem seu estilo “chanchadesco” de humor e ação.



Imagem da versão eletrônica de “Bud Spencer e Terence Hill and Slaps and Beans”



A dupla em ação em “Par ou Ímpar”, longa que inspirou o game

Rótulos franceses se destacam no inverno pela diversidade e potencial gastronômico

AFFONSO NUNES

Com a chegada das temperaturas mais baixas, cresce entre os brasileiros a busca por vinhos mais estruturados e gastronômicos. Nesse contexto, os rótulos franceses têm espaço privilegiado já que tradição e complexidade estão em cada taça para acompanhar momentos diferentes do inverno.

A França se destaca justamente pela diversidade de regiões e perfis de vinhos. “Em uma mesma origem, é possível encontrar a elegância dos Champagnes, a mineralidade de Chablis, a delicadeza dos Pinot Noir da Borgonha e a estrutura dos tintos de Bordeaux. Essa variedade faz com que os vinhos franceses sejam ótimos companheiros para diferentes harmonizações durante o inverno”, explica Stephani Mercado, sommelière da Cantu Grupo Wine, que apresenta algumas sugestões pinçadas do abrangente portfólio da importadora.

Entre as sugestões para a estação, o Champagne Lanson Rosé Label Brut aparece como uma opção versátil e sofisticada. Produzido pela tradicional Maison Lanson, fundada em 1760,

Vinhos de excelência que harmonizam com a estação mais fria do ano



Interior da adega subterrânea da Maison Lanson, que produz champagnes nostálgicos desde 1760

o rótulo combina frescor, cremosidade e boa complexidade aromática. Embora muitas vezes associado apenas a celebrações, o Champagne também se destaca à mesa, harmonizando bem com fondue de queijos, risotos de cogumelos, salmão defumado e tâbuas de queijos.

Não podemos falar de vinhos franceses sem citar a Borgonha, berço de alguns dos Pinot Noir mais prestigiados do mundo. O Albert Bichot Origines Pinot Noir, elaborado por uma vinícola familiar fundada em 1831, apresenta aromas de frutas vermelhas maduras, ameixas e framboesas, além de equilíbrio e persistência em boca. É um vinho que acompanha bem aves assadas, carnes suínas, risotos e queijos.

Ainda na Borgonha, mas em uma expressão completamente diferente do terroir, o Albert Bichot Petit Chablis revela a elegância dos brancos da região. Produzido em solos ricos em fósseis marinhos, o vinho traz notas cítricas e acidez vibrante, características que garantem frescor e mineralidade. Harmoniza especialmente bem com peixes em molhos cremosos, frutos do mar gratinados e culinária japonesa.

E uma das mais importantes regiões produtoras francesas, Bordeaux, completa a lista com a tradição de seus tintos estruturados. O Calvet Bordeaux Supérieur, elaborado com Merlot e Cabernet Sauvignon e amadurecido em barricas de carvalho francês, reúne aromas de frutas vermelhas, especiarias e notas de baunilha. Elegante e intenso, é uma escolha ideal para acompanhar carnes assadas, pratos de longa cocção e queijos maturados.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Brinde oriental no Suibi

A coquetelaria do Suibi ganha protagonismo com uma carta autoral criada por Vitória Kurihara, campeã do World Class Brasil 2023. A mixologista aposta em ingredientes frescos e combinações inusitadas para acompanhar a gastronomia do chef Sei Shiroma. Entre as novidades estão o Ojisan, com bourbon em fat wash de óleo de gergelim, chá Earl Grey e Chardonnay; o Nikkei Kanpai-ri, que mistura Campari, cachaça envelhecida, água de banana e shoyu e o Sour, que une vodka, saquê e água de cupuaçu com wasabi clarificada.



Fondue nas alturas

O inverno carioca ganha um programa especial no Skylab, restaurante no 30º andar do Othon Palace Copacabana. O chef Rubens Gonçalo comanda o Festival de Fondue, servido de quarta a sábado, a partir das 19h, com vista panorâmica para a orla. O menu traz fondue de queijo com blend de queijos suíços e acompanhamentos como filé mignon, charcutaria e pães artesanais, além da versão de chocolate belga 70% com frutas e outras delícias. Cada experiência custa R\$ 350 para duas pessoas, inclui duas taças de vinho.

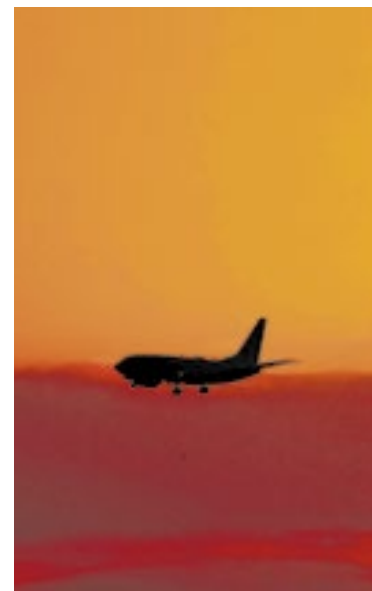


Pizza liberada no Empório

O rodízio do Empório do Galetto acaba de ficar ainda mais completo. A unidade do Botafogo Praia Shopping passa a incluir 15 sabores de pizza no serviço, que já reúne massas, petiscos e mini-hambúrgueres à vontade. A novidade estreia em julho e amplia as opções para quem busca variedade em uma única refeição. O rodízio custa a partir de R\$ 59,90, de segunda a quarta, e R\$ 64,90 de quinta a domingo e feriados. Quem quiser incrementar a experiência pode optar pela versão com open bar por R\$ 109,90.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO



Vozinha: resiliência e altivez aos 40 anos

A idade costuma aparecer primeiro no espelho. Depois, nas pernas. Por último, na memória dos outros.

No futebol, então, quarenta anos parecem uma eternidade. Muitos já penduraram as chuteiras. Outros viraram comentaristas, treinadores ou lembranças de um álbum de figurinhas. Mas há quem desafie o relógio sem fazer alarde. Vozinha é um deles.

Enquanto os atacantes correm atrás da fama, ele continua perseguindo a bola. Sem pressa. Como quem aprendeu que experiência também defende.

Seu rosto traz marcas que nenhum creme consegue apagar. Não são rugas. São minutos jogados. Viagens longas. Campos difíceis. Treinos sob o sol. Derrotas engolidas em silêncio. Vitórias comemoradas com a serenidade de quem sabe que o futebol nunca pertence apenas aos vencedores.

Na Copa do Mundo, sua história ganhou o tamanho que sempre mereceu.

A pequena Cabo Verde entrou em campo carregando muito mais do que onze jogadores. Levou consigo um arquipélago inteiro, espalhado pelo Atlântico, acostumado a vencer as distâncias antes mesmo de sonhar com estádios lotados.

E lá estava Vozinha, debaixo das traves, sem gestos exagerados, sem discursos. Os grandes goleiros raramente fazem espetáculo. Fazem o necessário. Um passo para a direita. Dois para a esquerda. Um salto no momento exato. O impossível acontece em silêncio. Foi assim durante toda a campanha.

Enquanto o mundo descobria Cabo Verde, Vozinha parecia apenas cumprir mais um dia de trabalho. Defendia uma bola, orientava a defesa, respirava fundo e recomeçava. Como fazem os homens que

conhecem o peso da responsabilidade. Há algo de bonito nos atletas que envelhecem sem perder a elegância.

Eles já não contam apenas com os músculos. Jogam também com a inteligência. Antecipam movimentos. Conversam com a bola antes que ela chegue. Descobrem atalhos invisíveis aos mais jovens.

Talvez a resiliência seja exatamente isso; continuar quando todos imaginam que já era hora de parar.

A altivez também. Erguer a cabeça depois de cada gol sofrido. Aplaudir o companheiro. Incentivar o estreante. Entender que liderança não se grita. Transmite-se pelo exemplo.

Enquanto milhares de torcedores comemoravam a surpreendente campanha cabo-verdiana, pensei que o futebol ainda produz personagens capazes de ensinar

muito além das quatro linhas.

Num tempo em que tudo parece descartável, um goleiro de quarenta anos lembra que algumas virtudes não envelhecem: persistência, disciplina, humildade e coragem.

Ao apito final, os refletores procuravam os heróis da partida. Vozinha caminhava devagar. Cumprimentava adversários. Agradecia à torcida. Tinha a mesma serenidade de quem sabe que a maior vitória não cabe no placar. Cabe na trajetória porque há troféus que ocupam uma prateleira.

E há histórias que ocupam a memória. A de Vozinha pertence a essa segunda categoria. Não apenas pela Copa que disputou.

Mas por ter mostrado ao mundo que o tempo pode diminuir a velocidade das pernas, nunca a grandeza de um homem que continua acreditando no próximo jogo